

37:028
e 2172
oc: 1
C: 92569124

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 00114534
Data 25 / 05 / 05
() Compra (X) Doação () Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

LEITURA NA SALA DE AULA: LER PARA CRIAR OU REPRODUZIR?

Elza de Oliveira Candido

Pontes e Lacerda – MT

2004

Elza de Oliveira Candido

LEITURA NA SALA DE AULA: LER PARA CRIAR OU REPRODUZIR?

Ensaio Monográfico de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Profª. Ms. Teresa de Pazos da Silva

Pontes e Lacerda – MT

2004

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora.

Local e data da aprovação

À minha família, por compreenderem minhas ausências;

Aos meus colegas de sala, por compartilhar quatro anos;

Aos meus professores, que foram imprescindíveis para a conclusão desse curso.

A Deus, em primeiro lugar;

A todos aqueles que voluntária ou involuntariamente possibilitaram-me a conquista.

(...) as crianças nunca chegam à escola num estado de ignorância, mas podem chegar analfatebas. Elas talvez não saiam analfabetas, mas podem sair ignorantes.

(Ezequiel Theodoro da Silva)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
LEITURA NA ESCOLA	09
LEITURA NO COTIDIANO DA SALA DE AULA	13
O PROFESSOR E A LEITURA: DISCURSO E PRÁTICA	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
BIBLIOGRAFIAS	30
ANEXOS.....	31

INTRODUÇÃO

Toda e qualquer leitura sempre envolve algo lido, ou melhor, não há o que ler a menos que algo seja lido. Como um ato de consciência, o ato de ler implica num objeto e refere-se a um conteúdo.

(Ezequiel Theodoro da Silva)

Acompanhando minhas filhas em seus trabalhos de escola mais especificamente na área de Língua Portuguesa observei que as atividades desenvolvidas em sala de aula e fora dela, para melhor desenvolvimento, necessitavam de leitura e esclarecimento sobre o conteúdo a ser desvendado. Fiquei bastante intrigada com os rumos que são dados ao trabalho de leitura com os alunos, pois, me pareceu que os educadores não atentam para o significado amplo da atividade por eles proposta, tendo em vista que todo o trabalho que é desenvolvido requer cuidados com a leitura e este cuidado não tem sido demonstrado.

Durante todo o tempo de escola de minhas filhas procurei sempre ficar atenta sobre como seria trabalhada determinada atividade em sala, se o professor levaria mais adiante suas ações, se desenvolveria uma discussão com os alunos ou tudo não passaria de simples cumprimento de planejamento de aulas.

No decorrer dos anos de vida escolar das mesmas, o que mais me chamou a atenção foi como os professores trabalham a leitura e a interpretação, pois, eles propunham em seu discurso e às vezes até em seus planejamentos desenvolver um trabalho inovador, mas, para minha decepção, as atividades sempre acabavam da mesma forma, ou seja, corrigia-se a tarefa e tudo estava finalizado, voltando na concepção de que as atividades desenvolvidas no âmbito escolar com leitura e interpretação são puramente técnicas e pedagógicas preocupadas com o saber “ler bem” nada mas precisando ser desenvolvido.

Partindo dessa indagação pessoal quanto ao trabalho desenvolvido pelos professores e buscando conhecer mais a fundo a realidade procurarei analisar como os

professores agem no que diz respeito à leitura e interpretação em seus trabalhos de sala de aula e no interior da disciplina da Língua Portuguesa. Para tanto, utilizar-me-ei de observações, e questionário impresso. E estas, para ter cunho pedagógico científico devem ser *antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento*.¹ As mesmas aconteceram em aulas de Língua Portuguesa do 1º ano do segundo grau de uma escola pública de Pontes e Lacerda.

¹ (LUDKE, 1986, p.25)

LEITURA NA ESCOLA

(...) Prevalece a cultura do silêncio, se o educador é o que sabe, e os educandos são os que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos.

(Paulo Freire)

Para nos situarmos sobre o que devemos entender por leitura e interpretação buscarei apoiar-me em estudos voltados para essa área. Temos muitos estudiosos, mas, nesta temática, para este trabalho mencionarei apenas alguns que serviram de referência para meu estudo sendo eles: Paulo Freire, Ení Pulcinelli Orlandi, Ezequiel Theodoro da Silva, Ângela Kleiman, João Wandrley Geraldi e os PCN para Língua Portuguesa.

Na concepção de Maria Helena Martins a escola têm trabalhado com a leitura “como decodificadora da letra”. Analisando a leitura que vem sendo desenvolvida na escola podemos dizer que os trabalhos que estão em andamento pela maioria dos educadores vêm cumprindo essa afirmação. Nesta perspectiva onde se encaixaria a interpretação do que é lido se constantemente nos preocupamos para que nossos alunos tão somente decodifiquem?

A escola tem trabalhado a leitura com a finalidade de “ser necessária”, ou seja, que esta deve ser capaz de ocupar um lugar não importando qual, sendo assim o conceito de leitura que podemos entender que a instituição escolar desenvolve é *de natureza pragmática, aquela só se justificando quando explicita sua finalidade - a de ser aplicado, investigado num efeito qualquer.*²

A leitura desenvolvida pela escola tem uma atribuição específica como afirma a escritora Maria Luci de M. Prestes que *é fazer com que o aluno seja competente na leitura,*³ ou seja, que este, quando visualizar palavras, seja capaz de lê-las.

Observando algumas situações de sala de aula pude constatar, conforme dados apresentados mais adiante, que o professor impõe a “sua interpretação” das situações,

² (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 111.)

³ (PRESTES, 2001, p. 5)

não dando ao aluno o direito de expor as suas interpretações. O educador revestido do poder do discurso pedagógico, do autoritarismo que é lhe concedido pela instituição escolar, acaba por se dar o direito de atribuir sua interpretação como a “correta”, e com essa atitude acaba por silenciar os alunos. Situações dessa natureza e a busca de sua compreensão colocam em evidência as palavras de Geraldi, que busca nos esclarecer o porquê de acontecer esse tipo de atitude por parte do educador, pois, este *opera com conceito de leitura privilegiada para mostrar que a leitura de alguns leitores é imposta como a única leitura*⁴. Desta forma, não devemos insistir na continuação desta maneira de trabalhar com leitura, mas, devemos trabalhar com intuito de que nossos alunos sejam capazes de se tornarem leitores maduros, ou seja, *aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida*⁵. Seguindo esta linha de raciocínio o professor deve ter clareza que o ato de ler antes de tudo é um meio de diálogo e sendo assim *na leitura, o diálogo do aluno é com o texto. O professor, mera testemunha desse diálogo, e é também leitor, e sua leitura é uma das leituras possíveis*.⁶ Se em sala de aula como pude acompanhar não acontece um trabalho desse âmbito como tantos estudiosos defendem, se estes não são levados no espaço escolar a desenvolverem seus argumentos, buscar novos desafios, pelo contrário são totalmente induzidos a uma só e absoluta interpretação como nossos alunos podem buscar uma compreensão do que se lê? (...) *Ler por ler nada significa. A leitura é um mero instrumento, e nenhum instrumento vale por si só, mas pelo bom emprego que dele chegemos a fazer. (...)*⁷

Ao analisarmos o fragmento citado vemos claramente o real valor dado a leitura, que por sua vez encarrega a interpretação de ser capaz de dar subsídios ao leitor possibilitando-o a ir além do ler sem refletir. Cabe questionar como nossas escolas podem não se atentar para a importância da interpretação, e sua contribuição para que cada um seja capaz de ver além do que está escrito, buscando através da leitura novos conhecimentos tornando o leitor capaz de mudar o meio em que vive. Ao mostrar somente o necessário, acaba por decidir e julgar antecipadamente o que deseja que compreendamos.

⁴ (GERALDI, 1999, p. 93)

⁵ (Ibidem, p. 92)

⁶ (Ibidem, p. 92)

⁷ (LOURENÇO FILHO in PAULINO, 1959, p.105)

A leitura e interpretação devem passar por uma árdua reestruturação na qual, o receptor atua e demonstra ser crítico para o fazer. Sendo assumidas estas funções a leitura e interpretação passarão a ser encaradas pelo leitor como um ponto de partida para *aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos.*⁸

A posição ocupada pela instituição escolar no que tange à leitura acaba por tornar-se o lugar em que todos devem aperfeiçoar as habilidades de ler sem mencionar sequer que cabe aos envolvidos no meio, se desvincular de seus pontos de vista e deixar fluírem novos, pois, o espaço escolar deve estar sempre aberto para novas descobertas.

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e a interpretação deste começa antes do contato com ele [...]. Assim como a aprendizagem em geral e da leitura e interpretação em particular significa uma conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes, implica igualmente um comprometimento, acarreta alguns riscos.⁹

Embasando-nos nas citações acima podemos dizer que leitura e interpretação não devem ser desvinculadas, pois ambas estão imbricadas. Quando estas passam a ser vistas como inseparáveis, com certeza o espaço escolar estará realmente contribuindo para melhores condições do aprendizado, visando possibilitar aos envolvidos um crescimento contínuo.

Enquanto os envolvidos no processo escolar não atentarem para a necessidade de desenvolver um trabalho voltado para a compreensão da sociedade da qual todos nós fazemos parte, a leitura e interpretação não passarão de algo puramente técnico. Cabe aos envolvidos no processo o comprometimento com o que desejamos construir com nossos alunos e o que realmente queremos que estes sejam capazes de desenvolver. É importante que todos tenham em mente que :

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu leitor pretendia e, dono da própria vontade,

⁸ (MARTINS, 1994, p. 34)

⁹ (Ibidem, p.20)

entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.¹⁰

¹⁰ (LAJOLO, 1982 p. 52 Abd. Geraldi, 1999, p. 91)

LEITURA NO COTIDIANO DA SALA DE AULA

O ato de ler é uma necessidade concreta para a aquisição de significado e, conseqüentemente, de experiência nas sociedades (...) A mensagem a ser lida é sempre palpavelmente encontrada no mundo, isto é, na cotidianidade da vida do leitor. É dessa e nessa vida que o "lido" ganha significado.

(Ezequiel Theodoro da Silva)

Como sempre costumo acompanhar os trabalhos escolares que envolvem minhas filhas e participo freqüentemente das atividades que a comunidade escolar desenvolve não foi difícil notar na prática de sala de aula, que alguns professores tentam trabalhar com a leitura e a interpretação de maneira dinâmica, buscando novos meios para alcançar ou superar seus objetivos. As conversas nos corredores, as discussões na sala dos professores expressam este esforço.

Por estar presente diariamente no cotidiano da escola, a qual servirá de apoio para o meu questionamento não encontrei nenhum problema para desenvolver meu trabalho, pelo contrário o professor observado e questionado me deu livre acesso para o desenvolvimento deste, me fornecendo todos os procedimentos que usaria em suas aulas. Mantive-me informada o tempo todo do trabalho que aconteceria nas próximas aulas do mesmo.

Logo de início obtive permissão para assistir uma aula posterior, na qual aconteceria um debate sobre a obra literária "Dom Casmurro" de Machado de Assis. O professor já tinha solicitado da turma a leitura da obra, e estabeleceu como atividade a seguinte proposta: uma parte da turma defenderia a personagem Capitu e a outra a acusaria. A obra em questão deixa aos leitores uma séria dúvida quanto à paternidade do filho de Capitu dando margem a dupla interpretação.

Já de posse dos passos da aula fiquei bastante entusiasmada. Considerei a proposta de trabalho a ser desenvolvida pelo professor bastante interessante. Com atividades dessa natureza o trabalho com leitura parecia estar tomando novos rumos.

Como a obra é muito estudada no meio escolar, o debate, a meu ver, seria estimulante, aos alunos pareciam estar preparados para tal, ambos os lados se preparam, tudo transcorria bem. Cada grupo buscava mostrar suas descobertas para o grupo rival, tudo fluía naturalmente, até que o professor começou a participar do debate. Todos os alunos pararam para ver os argumentos do mesmo, que não conseguiu ser imparcial acabando por influenciar as interpretações dos alunos. Revestido de “autoridade no assunto” o professor fez com que sua interpretação se tornasse a única e a “adequada” para a situação, o educador não respeitou sequer a ambigüidade da obra acabando por impor sua interpretação.

Os alunos acabaram silenciados pelo professor que os induziu levando-os a aceitar a interpretação do mesmo como sendo a “melhor” para o desfecho da atividade.

Observando o decorrer daquele trabalho fiquei preocupada com o procedimento do professor, pois o mesmo diz em seu discurso uma coisa e faz outra totalmente diferente.

Estive o tempo todo me indagando sobre o debate, não compreendia a posição tomada pelo educador. Busquei apoio em teóricos como: Freire, Orlandi, Geraldi, Prestes, Silva; para tentar entender a opção de trabalho assumida por aquele profissional. Outro ponto que considerei importante e que poderia explicar a atuação do mesmo diz respeito à sua formação. É importante observar que o docente é formado na área da docência, possui curso de magistério, nível superior e pós-graduação, e atua há muitos anos em sala de aula. Sendo assim, este, mediante todas as qualificações que possui deveria aprofundar os questionamentos levantados pelos alunos, sempre provocando-os e estimulando-os, mas, sem deixar que sua opinião prevalecesse como a mais “indicada”. A formação parece não ter sido definidora da atenção do professor.

Embora não justifique a posição adotada pelo professor no que diz respeito à atividade proposta o que pudemos observar no âmbito geral da escola foram professores atarefados, super carregados de aulas, salas lotadas, quase sem condição adequada para o trabalho, alunos desmotivados e o mais conhecido de todos os problemas enfrentados pela comunidade escolar, os responsáveis omissos. Estes fatores podem ter contribuído

para a atitude do professor. Tomemos como exemplo as dificuldades que se enfrenta com a disciplina e organização das salas neste tipo de trabalho. Infelizmente a interferência acabou por interromper a possibilidade de formação crítica dos alunos, mesmo porque num trabalho com diálogo aberto

Uma mensagem escrita deixa de ser mero conteúdo informativo para se transformar no pretexto (condição) para a formação da consciência crítica. (...) o documento escrito deixa de ser o simples instrumento de produção que o professor fornece ao aluno, para transformar-se num *a partir de*, veiculador da tradição histórica e cultural, passada e presente.

(...) funciona, metaforicamente falando, como um trampolim para o mergulho no conhecimento; e deixa de ser conhecimento dado ou 'pronto-à-mão', verdadeiro ou absoluto (o que poderia caracterizar ou gerar um tipo de leitura mecânica ou decorativa?

(...) não basta ao documento escrito ser expressivo do ser-no-mundo, é necessário que ele se constitua numa *tentativa de comunicação com o outro*, pois o 'texto' só se manifesta à medida em que é lido. Comunicativo é, então, o documento que provoca, questiona, interpela (...) ¹¹

Ao todo observei de dez aulas de português. Nestas, notei que o observado estava um pouco "perdido", pois, se preocupava em desenvolver o maior número de atividades possíveis. Ao direcionar seus trabalhos desta forma o que transpareceu, foi que ele estava tentando cumprir o roteiro por ele planejado, mesmo que para a execução deste prejudicasse as demais atividades subseqüentes. Atropelava as atividades para que suas aulas estivessem acontecendo sem que os educandos nem sequer se atentassem para os acontecimentos.

Com o desenvolver das minhas observações em aulas da turma já mencionada anteriormente busquei entender o que realmente aquele profissional estava tentando fazer em suas aulas. Para melhor me situar pedi a ele se poderia responder algumas questões para complementar meu trabalho. Com este material ficaria mais fácil entender o caminho trilhado pelo professor.

Dirigi ao professor seis perguntas impressas sendo elas: 01 - O que é leitura e interpretação de texto para você? 02 - Como você trabalha leitura e interpretação de texto com seus alunos? 03 - Nas aulas de leitura e interpretação de texto você propõe atividades que levam o aluno a fazer suas próprias análises? Exemplifique. 04 - Qual a sua formação e há quanto tempo você atua na área de Língua Portuguesa? 05 - Quais os

¹¹ (SILVA, 2000, pp. 78-9)

tipos de leituras que você incentiva seus alunos a fazer? Por quê? 06- Que leituras você costuma fazer para dar suporte ao seu trabalho?

De posse desse questionário pronto e respondido pelo professor li as respostas dadas pelo mesmo e fiquei muito mais intrigada do que estava a princípio. As respostas dadas iam no sentido oposto às ações desenvolvidas em sala de aula. Para uma melhor compreensão da temática em discussão e para melhor suporte nas argumentações abordarei as respostas dadas pelo professor observado.

O PROFESSOR E A LEITURA: DISCURSO E PRÁTICA

A leitura crítica sempre leva à produção ou construção de um outro texto: o texto do próprio leitor. (...) sempre gera expressão.

(...) deve ser caracterizada como um PROJETO, pois concretiza-se numa proposta pensada pelo ser-no-mundo, dirigido ao outro.

(Ezequiel Theodoro da Silva)

Como enunciado no capítulo anterior, fiz algumas perguntas com o propósito de saber que concepção o professor tem com relação à leitura. As respostas dadas pelo professor não condizem com as atitudes desenvolvidas por esse profissional em sala de aula. Suas repostas deixam transparecer que ele, ao invés de impor seus conceitos, aceitaria as opiniões dos envolvidos. Ao responder a questão de número 01, este se mostra bastante flexível para possíveis interpretações, sugere que devemos estar abertos para lermos o mundo. Segundo este professor:

Ler é compreender as diversas mensagens existentes no ambiente em que se vive. O ato de ler é o processo de construir significado a partir do texto. Ao meu ver isso se torna possível pela interação dos elementos textuais com conhecimento do leitor. Quanto maior for a concordância entre eles, a probabilidade de êxito na leitura. Isso leva-o a refletir sobre as possibilidades de leitura que o mundo, considerado como um texto, oferece. Oportunizando-o a ler, escrever e refletir criticamente.¹²

No entanto, conforme já vimos, as ações que são trabalhadas por este profissional no cotidiano de sala de aula encontram-se bastante emaranhadas, e contrariam este depoimento nos fazendo crer que na prática o observado em questão não consegue desenvolver essa teoria por ele defendida.

O educador mostra que possui bastante esclarecimento sobre como desenvolver o trabalho com leitura e interpretação, mas, acaba por lidar com o assunto de forma

¹² (Resposta do professor entrevistado).

autoritária, ou seja, decide o que servirá para o aprendizado de seus educandos, faz menções a uma possível liberdade de expressão, mas, induz os envolvidos a acreditar em suas argumentações.

Na consolidação do seu trabalho o professor não conseguiu desvincular-se da responsabilidade embutida pelos órgãos filantrópicos e tampouco dos conceitos circulados na sociedade e que acabam transferindo todas as responsabilidades para a comunidade escolar incumbindo-a cada vez mais de fazer todos os papéis, inclusive o de impor normas de conduta moral. Os profissionais na área de educação devem ter clareza de sua contribuição para com os educandos bem como da importância de uma formação crítica para o aluno.

Ao observar as aulas notei que a quantidade de alunos em sala era bastante numerosa, o que torna um pouco complicado os trabalhos em grupo. Através desta constatação podemos afirmar que o observado tenta trabalhar da forma por ele mencionada, mas, nas inúmeras tentativas este acaba por desistir, pois, a sala de aula está muito lotada. Os alunos não demonstram interesse por esse método de trabalho, logo, o professor vê-se obrigado a mudar de estratégia para dar continuidade à aula, acabando por novamente impor como serão desenvolvidas as próximas atividades.

Reportando-me a pergunta número 03, na qual, pergunto: Nas aulas de leitura e interpretação de texto você propõe atividades que levam o aluno a fazer suas próprias análises? Exemplifique. Este responde, *Sim, pois não há uma única resposta correta para uma questão, mas várias linhas de raciocínio*. A partir desta concepção vemos que o profissional tenta direcionar seu trabalho de forma a mudar o conceito que está nele enraizado. No entanto, não se dá conta que muitas das vezes não consegue ficar com essa linha de raciocínio, acabando por agir de forma contrária a de seu pensamento, tornando suas atitudes arbitrárias a seu discurso.

Neste ponto do trabalho acho importante recorrer à teoria defendida por Orlandi que diz: *desnecessário lembrar que o professor não deve perder de vista que a história de leitura do aluno não é necessariamente igual a sua*¹³, ou o que diz Silva: *não são todos os professores que sabem orientar adequadamente a leitura*¹⁴, e ainda a Kleiman que se refere à leitura como um *empreendimento de risco se não estiver fundada numa*

¹³ (ORLANDI, 1999, p. 88)

¹⁴ (SILVA, 2000, p. 36)

*concepção teórica firme*¹⁵. Com base nesses estudiosos podemos notar que o professor em questão encontra-se confuso e deslocado no desenvolver de suas atividades em sala de aula, pois, tenta ministrar aulas de um modo inovador, mas, acaba recorrendo ao já consolidado como verdadeiro.

Ao agir desta forma não consegue trabalhar as aulas de Língua Portuguesa de modo a que estas contribuam para a formação crítica de seus alunos acabando por deixá-los sem meios para alcançar suas próprias motivações. Desta maneira ajuda a manter e solidificar cada vez mais a formação de alunos manipuláveis, contribuindo para a expansão de sujeitos incapazes de argumentar, buscar novas possibilidades de lutar pelo seu espaço em nossa sociedade.

Outro ponto bastante relevante a ser levantado e que diz respeito a continuidade da resposta da pergunta nº 3, na qual, perguntei se nas aulas de leitura e interpretação de texto o professor propunha atividades que levassem o aluno a fazer suas próprias análises, e pedi que o mesmo exemplificasse, foi a afirmação do professor segundo o qual esta é realizada da seguinte forma: *Essa atividade é realizada através de cartazes, desenhos, produção de texto, expressão oral – seminários.*¹⁶

Através desta resposta percebemos com clareza que as atividades propostas a serem desenvolvidas não condizem com as realizadas em sala, pois, o professor não executa o que se propõe a fazer. Embora seu discurso seja aberto, as atividades desenvolvidas em suas aulas, não são. Nas aulas, às quais, estive presente não foi apresentado nenhum cartaz ou desenho como relata em sua resposta. Contrariando a prática do professor Orlandi afirma que:

A contribuição do professor, em relação às leituras previstas para um texto, é modificar as condições de produção de leituras do aluno, dando oportunidade a que ele construa sua história de leituras e estabelecendo quando necessário, as relações intertextuais, resgatando a história dos sentidos, sem obstruir o curso da história (futura) desses sentidos. O professor deve colocar, portanto, desafios à compreensibilidade do aluno sem deixar de lhe proporcionar as condições para que esse desafio seja assumido de forma consciente.¹⁷

¹⁵ (KLEIMAN, 1998, p. 61)

¹⁶ (Resposta do professor entrevistado)

¹⁷ (ORLANDI, 1999, p. 88)

A autora supra citada nos mostra como devemos nos orientar ao nos posicionarmos com o ensino de leitura, nos esclarece de forma objetiva e importante quanto ao papel do profissional, que está compromissado em desenvolver um trabalho que realmente venha a contribuir para a formação de seus alunos. Este deve ser capaz de lançar desafios e proporcionar subsídios para que seus alunos alcancem suas próprias realizações e que busquem novas, e cada vez maiores realizações em leituras e interpretações.

As experiências conseguidas através da leitura, além de facilitar o posicionamento do ser homem numa condição especial (o usufruto dos bens culturais escritos, por exemplo), são, ainda, as grandes fontes de energia que impulsionam a descoberta, elaboração e difusão do conhecimento". [...] A leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda à própria vida do Ser Humano. (O patrimônio simbólico do homem contém uma herança registrada pela escrita. Estar com e no mundo pressupõe, então, atos de criação e re-criação direcionados a essa herança, é uma das formas do Homem se situar com o mundo de forma a dinamizá-lo.)¹⁸

Conforme Bellenger, citado por Kleimam a leitura vai além de nossas concepções materializadas acerca do mundo. Para este autor:

Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio é figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas lêem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião (...)¹⁹

Partindo dessa premissa, para trabalhar com a educação escolar devemos antes de tudo estar conscientes de que o desempenho em sala de aula é de muita importância, pois segundo Kant *o homem é a única criatura que precisa ser educada, o homem não pode se tornar homem senão pela educação*.²⁰ Logo, o espaço escolar é o lugar, ao qual, nós os educadores temos acesso, e é através dos conhecimentos teóricos, que devemos fazer um trabalho que sirva para a capacitação dos nossos alunos, dando-lhes condições

¹⁸ (SILVA, 2000, pp. 38,42 e 43)

¹⁹ (LIONEL BELLENGER, Os Métodos de leitura, p. 17. apud. KLEIMAM, 1998. p. 15)

²⁰ (RODRIGUES, 2001, p. 240.)

para se tornarem cidadãos críticos, conscientes de seus direitos e conhecedores de seus deveres, que saibam exigir seus direitos e acima de tudo, que estes possam ter seu espaço garantido na sociedade. O orientador deve agir de forma a colaborar para o crescimento de seus alunos, pois, *a mente humana, precisa ser desenvolvida, e não atrofiada.*²¹ E é a escola junto com os demais segmentos da sociedade que podem e devem ser capazes de contribuir para com os sujeitos em formação, pois, *a aprendizagem é construída na interação de sujeitos cooperativos que têm objetivos comuns.*²² Desta forma a leitura e a interpretação devem ser compreendidas como *aprender a ler no sentido cabal da palavra (em que “ler” não é o equivalente a decifrar ou decodificar), a aprendizagem que se dará nessa interação consiste na leitura com compreensão.*²³

Nas próximas aulas que estive observando, o professor esteve levantando muitos questionamentos com a turma despertando nos alunos a curiosidade de ler novos textos. Os alunos envolvidos pelo discurso do educador sentiram-se motivados a ler textos, obras que não conheciam. O problema apareceu quando o professor lhes falou que estas leituras viriam acompanhadas de um trabalho extra-classe.

Ao manifestar seu posicionamento desta forma perante textos oriundos de obras, de natureza diversa sua atitude nos leva a entender que este busca, mesmo que de forma desconexa, introduzir em seus alunos curiosidade para a realização de leituras. Isto nos leva à sua resposta de número cinco, na qual pergunto: Quais os tipos de leituras que você incentiva seus alunos a fazer? Por quê? A resposta fornecida pelo professor para esta questão pode ser considerada bastante crítica, pois o mesmo mostra-se aberto a todas as formas de leituras, às quais temos acesso Vejamos na íntegra sua afirmação.

Todos os tipos possíveis servem como incentivos. O mundo em que vivemos está repleto de textos em placas de rua, cartazes, revistas, contos, receitas, convites, gravuras, desenhos, pinturas, filmes, músicas, histórias, livros entre outros. Pois, é necessário que o aluno dê continuidade à observação, à interpretação e interação do mundo que o rodeia. Essas são algumas estratégias de busca de sentido para compreender cada vez mais o mundo letrado.²⁴

²¹ (MORIN. 2002, p. 16.)

²² (KLEIMAM.1998, p. 10)

²³ (Ibidem, p. 10)

²⁴ (Resposta do professor observado)

O professor mostra um leque grande de possibilidades para a leitura, tentando abrir espaço para que seus alunos leiam textos de natureza diversa. Porém com esta informação o professor se contradiz com suas atitudes. Em uma de suas aulas à qual estive presente este debateu com os alunos a importância de ler, mas, não abriu mão de leituras de obras consagradas no meio escolar. Houve muitos comentários sobre diversos textos, mas, este explicou que os trabalhos a seguir deveriam contemplar as obras tradicionalmente estudadas nas escolas.

Dando sequência às atividades o professor solicitou dos alunos uma análise das leituras das obras que estes escolhessem. Para melhor entendimento do desenvolver dessa análise pediu para que todos acompanhassem os passos sugeridos no livro adotado pela comunidade escolar. Com a solicitação deste trabalho houveram reclamações por parte dos educandos, mas, o professor continuou a explicar como deveriam agir para a confecção deste.

O professor pediu para os alunos abrirem os livros nas páginas 98 a 100, leu com os alunos os passos abordados no livro seguindo de explicações. E numa tentativa de facilitar o trabalho a ser desenvolvido, sugeriu que seguissem o roteiro contido no livro.

Para uma compreensão dos objetivos lançados para a atividade proposta busquei acompanhar o desenvolvimento dos alunos. Solicitei de alguns a possibilidade de deixar ver sua análise, depois de avaliada pelo professor. Queria ver como os mesmos estariam desenvolvendo a atividade, se conseguiriam desprender-se dos passos do livro ou não mesmo porque segundo Silva:

Leitura não pode ser confundida com decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com respostas [...]

Esta confusão nada mais faz do que decretar a morte do leitor, transformando-o num consumidor passivo de mensagens não-significativas e irrelevantes.²⁵

De posse das análises e acompanhando os passos do livro notei que os alunos não os seguiram criteriosamente.

No início das atividades programadas no livro sobre “O texto narrativo” e sua “Estrutura Narrativa” os autores abordam tais textos como:

²⁵ (SILVA. 2000, p.97.)

um simples fato narrado caracterizam-se por uma progressão marcada por peripécias ou incidentes e, geralmente, portadora de uma moral. Assim, temos os três momentos da **transformação**, que ocorrem ao longo do enredo (seqüência de fatos).²⁶

Mediante essas informações bastantes superficiais, os alunos elaboraram suas análises sem maiores esclarecimentos sobre as narrações. Ao verificar essas análises constataremos que os educandos optaram por descrever um pouco os textos lidos. Nestes, mencionaram o protagonista, sua caracterização e o desenvolvimento dos mesmos no desvelar da história. Fizeram um rápido comentário dos demais fatos que lhes pareceram importantes.

A atividade em questão ficou um pouco lesada, faltou mais aprofundamento para sua elaboração. Ao lermos os trabalhos de alguns alunos notaremos que este exercício não lhes pareceu estimulador, mas este trabalho deveria ser entregue para apontar uma nota bimestral, sendo assim muitos o entregaram para obter tal recompensa.

Ao entregarem as análises, sempre se preocupavam se esta valeria uma boa nota. Quando as mesmas foram devolvidas muitos teceram alguns comentários de seus trabalhos mostrando-se satisfeitos com as notas. Os alunos pareciam abertos a uma socialização comentando suas notas uns com os outros e comparando notas e trabalhos.

O professor não mais abriu tempo para essa prática e passou a administrar as aulas sem mencionar os trabalhos desenvolvidos, não teceu nenhum comentário sobre os mesmos, somente os devolveu com algumas correções ortográficas e com a tão esperada nota. E, logo em seguida, sem mais nenhum esclarecimento passou a introduzir exercícios de gramática e outros.

Em continuidade às questões levantadas junto ao professor nos reportaremos à questão de número 06, na qual pergunto: Que leituras você costuma fazer para dar suporte ao seu trabalho? Vejamos a resposta fornecida pelo professor.

A minha preocupação é estar “atualizado”, portanto, procuro ler diversos tipos de textos nos mais variados meios de comunicação, como por exemplo;

²⁶ (MAIA, 2003, p. 98)

jornais, revistas (diversas) e principalmente os apoios teóricos citados ou não nos meios especializados em educação.²⁷

Lendo a resposta deste profissional e analisando-a podemos constatar que o professor busca novas informações, e estas o oportunizariam a um fácil desprendimento no assunto em questão. No entanto a condição do trabalho leva-nos a entender que as atividades foram realizadas para cumprirem um exercício por este planejado e que deveria ser feito para obtenção da nota.

O professor não teceu nenhum comentário sobre os trabalhos, deixando transparecer que não se prendeu na elaboração destes. Sua preocupação foi a de tão somente atribuir uma nota e cumprir com as formalidades escolares.

Ao ler algumas análises me pareceu que estas não foram desenvolvidas pelo próprio aluno, pois, pareciam respostas muito elaboradas para o linguajar cotidiano dos observados. Para elucidar essa afirmação citarei um exemplo que me levou a esse posicionamento:

O foco narrativo ou ponto de vista é onisciente, ou seja, os fatos são representados por um narrador que conhece todos os fatos e pensamentos do personagem e exprime uma visão global.²⁸

Em conversa com o professor sobre a atividade e buscando um entendimento amplo da análise solicitada, percebi que o educador não estava muito preocupado em analisar as interpretações dos alunos. Este se mostrou preocupado em fazer com que os alunos lessem mesmo que neste momento não parecesse de muita contribuição. O trabalho solicitado pelo profissional não pode ser considerado sem valor algum, mas, este deveria tentar aprofundar um pouco as leituras dos alunos, fornecendo-lhes subsídios para um questionamento que lhes fornecessem informações para estes se desvincularem das ideologias correntes. Para alguns estudiosos, no meio escolar, os educandos não são estimulados a questionar e buscar novos conhecimentos. No espaço escolar os educadores não conseguem se livrar dos métodos exercidos através das atividades, que mantém de forma mesclada os velhos e conhecidos meios de execução dos exercícios

²⁷ (Resposta do observado)

²⁸ (Trecho de uma das análises dos alunos)

gramaticais. Portanto, o trabalho desenvolvido pelo professor acaba por se encaixar como um exercício de fixação. Segundo Martins:

Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler resume à decoreba de signos lingüísticos, por mais que se dore a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.²⁹

Enquanto os professores não se dispuserem ao desprendimento desses métodos o meio escolar não conseguirá formar indivíduos críticos e formadores de opinião. Segundo Geraldi:

Na escola não se escrevem textos, produzem-se redações. E estas nada mais são do que a simulação do uso da língua escrita.

Na escola não lêem textos, fazem exercícios de interpretação e análise de textos. E isso nada mais é do que simular a leituras.

Por fim na escola não se faz análise lingüística, aplica-se a dados preexistentes. E isso é simular a prática científica da análise lingüística.³⁰

As citações acima nos fazem ver que, devemos, de forma crítica, reavaliar nossas atitudes como educadores atuantes. Perante nossas escolas temos o compromisso de desenvolver um trabalho voltado às mudanças que constantemente nos cercam.

Em nossas escolas os professores, cada vez mais, deixam se influenciar por métodos que pregam transformações na busca desesperada para que os alunos sejam leitores assíduos, porém, acabam por encarar a leitura como uma panacéia. Segundo Silva a leitura sem desafios, ou melhor, *sem compreensão e sem recriação do significado é pseudoleitura, é um empreendimento meramente ôntico*.³¹

Pelo exposto notamos claramente que a preocupação da escola está voltada para o ato de ler, sem levar em consideração as muitas portas que esta abre para o desenvolvimento dos educandos. A cobrança cada vez maior para que os alunos leiam e

²⁹ (MARTINS, 1994, p. 23)

³⁰ (GERALDI, 1999, p. 90)

³¹ (SILVA, 2000, p. 96)

sejam capazes de escrever dentro da norma padrão, faz como que os professores lidem com a leitura de forma puramente mecânica, tentando uma ou outra vez dar roupas novas às leituras.

Quando me propus a verificar esta temática, a leitura foi vista de forma global, concebida como um instrumento que somado com as experiências do leitor facilita a reflexão e renovação de conhecimentos já adquiridos. Para dar suporte a esta afirmação mencionarei Martins, como fonte de orientação, quanto ao nosso envolvimento com leitura.

[...] um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano [...]

[...] ler permite a descoberta de características comuns e diferenças entre os indivíduos, grupos sociais, as várias culturas: incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva, proporcionando elementos para uma postura crítica, apontando alternativas.³²

Ainda analisando a resposta à da pergunta de nº 06, na qual, questiono o professor quanto às leituras que o mesmo costuma fazer para dar suporte ao seu trabalho. É impossível ver que o professor possui um vasto conhecimento na temática levantada no presente trabalho. Isto me leva a indagar se seria a dificuldade em trabalhar estes conhecimentos com os alunos. O professor possui capacidade de desenvolver um trabalho satisfatório com os alunos mas não o coloca em prática, agindo de forma ultrapassada, ou seja, continua a ministrar aulas de leituras e interpretações como nos antigos livros didáticos, nos quais, o que valia era a resposta que este trazia já elaboradas. Para superar esta prática todos nós educadores devemos em primeiro lugar tentar aproveitar ao máximo o envolvimento dos alunos com a leitura.

Para a autora Maria Helena Martins o papel do educador deveria ser o de *dar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses*.³³

Quando conseguirmos desenvolver o trabalho nesse âmbito estaremos utilizando os conhecimentos possíveis para os diversos tipos de leituras utilizando-a como *um*

³² (MARTINS, 1994, p. 29-30)

³³ (Ibidem, p. 34)

*instrumento liberador e possível de ser usufruído por todos.*³⁴ O ato de ler, pela escola, deve ser visto como uma forma de libertação, no qual a leitura é concebida como uma forma de prazer, possibilitando ao leitor um novo meio de encarar os textos. Porque as mais diversas leituras aprimoram a capacidade verbal, oral e escrita, agrega conhecimentos sobre diversos assuntos. Ler faz com que crescamos pessoalmente e profissionalmente. Ao lermos ultrapassamos facilmente as conversas cotidianas, acabamos por conhecer melhor o mundo, a si mesmos e conseqüentemente aos outros. Ler estimula a reflexão, expande o conhecimento, testa valores. A leitura nos leva a questionar sobre a vida, a realidade, os papéis na sociedade, os direitos e deveres, o futuro, e contribui para a melhoria do mundo. Através da leitura somos capazes de melhorar nossa capacidade de imaginação, reforçando a nossa habilidade de expressão, enriquece-nos fazendo fluir novas idéias.

³⁴ (Ibidem, p. 34)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler é, ...uma fonte para a tomada da consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo.

(Ezequiel Theodoro da Silva)

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, no qual me propus a compreender como são trabalhadas de leitura e interpretação, pude constatar que os professores buscam desenvolver atividades dinâmicas, mas o tempo destinado para a prática em questão é bastante limitado.

O professor cuja prática serviu do objeto para a pesquisa demonstra possuir conhecimento satisfatório na área que envolve a leitura e interpretação. O problema enfrentado pelo docente em sala de aula está no como desenvolver atividades.

De modo geral os docentes enfrentam salas de aulas lotadas, alunos desinteressados. Ao se verem rodeados de tantas complicações estes acabam por lidar com leitura e interpretação de maneira autoritária, ou seja, decidem que tipo de leitura querem que os educandos façam e que atividades desejam. Portanto, os alunos muitas das vezes, de maneira mecânica, fazem as leituras para poderem cumprir os exercícios que possivelmente virão para atender às exigências da nota.

O que mais me chamou a atenção durante a elaboração deste trabalho foi o discurso dos professores. Estes, dizem ser profissionais críticos e abertos a todos os tipos de leituras e interpretações, mas, na prática, não exercem esta liberdade. Segundo Freinet:

Habituo-nos de tal forma a comandar as crianças e a exigir delas uma obediência passiva que não pensamos na possibilidade de haver uma outra solução para a educação que não seja a fórmula autoritária.³⁵

³⁵ (FREINET, in GERALDI, p. 82)

Entendemos que os educadores devem buscar cada vez mais conhecimento sobre leitura e interpretação, mas, devem tentar pô-lo em prática, pois mesmo não conseguindo um total êxito, sempre ficará algo de grande valia.

O que nós educadores devemos nos libertar é dos antigos preconceitos enraizados na escola. Buscamos objetivos que tanto para nós quanto para os alunos sejam iguais, ou seja, que as aulas venham ao encontro dos anseios tanto de professores no alcance dos seus objetivos quanto de alunos na ampliação de sua compreensão do mundo.

BIBLIOGRAFIAS

- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: 39. ed.. São Paulo. Cortez, 2000.
- GERALDI, João. *O texto na sala de aula*. 2. ed. São Paulo, Pontes, 1999.
- KLEIMAM, Ângela. *Oficina de leitura*: 6. ed. Campinas, São Paulo, Pontes, 1998.
- LÜDKE, Menga. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MAIA, João Domingues. *Português: novo Ensino Médio*. 10.ed. São Paulo: Ática, 2003.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é Leitura*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bentrând Brasil, 2002.
- ORLANDI, Ení. *Discurso e leitura*: 4. ed. Campinas, São Paulo, Cortez, 1999.
- _____. *Discurso e leitura*. 4. ed. Coleção Passando a Limpo. São Paulo: Cortez, 1999.
- PAULINO, Graça. *Literatura, participação e prazer*. São Paulo: FTD, 1986
- PRESTES, Maria Luci de Mesquita. *Leitura e (Re)escritura de textos*. 4.ed. São Paulo: Rêspel, 2001.
- RODRIGUES, Neidson. *Educação: Da Formação Humana. A Construção do Sujeito Ético*. Revista Quadrimestral de Ciência da Educação. Ano XXII. Outubro de 2001, nº 76. Educação e Sociedade.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler*. 8.ed. São Paulo. Cortez, 2000.
- Revista Nova Escola. Ano XV- Nº. 129- Janeiro/ Fevereiro de 2000 – Editora Abril.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

1. O que é leitura e interpretação de texto para você?

R.: Ler é compreender as diversas mensagens existentes no ambiente em que se vive. O ato de ler é o processo de construir significado a partir do texto. Ao meu ver isso se torna possível pela interação dos elementos textuais com o conhecimento do leitor. Quanto maior for a concordância entre eles, a probabilidade de êxito na leitura. Isso leva-o a refletir sobre as possibilidades de leitura que o mundo, considerado como um texto, oferece. Oportunizando-o a ler escrever e refletir criticamente.

2. Como você trabalha leitura e interpretação de texto com seus alunos?

R.: Procuro trabalhar a leitura de várias maneiras: em sala de aula, individual ou em grupo; em voz alta e silenciosa – alguns textos são lidos apenas silenciosamente, pois objetivam a autonomia de compreensão englobando conteúdo, estrutura e discurso.

A interpretação é realizada sempre de forma interdisciplinar. Com o objetivo de ampliar a visão crítica.

3. Nas aulas de leitura e interpretação de texto você propõe atividades que levam o aluno a fazer suas próprias análises? Exemplifique.

R.: Sim, pois não há uma única resposta correta para uma questão, mas várias linhas de raciocínio.

Essa atividade é realizada através de cartazes, desenhos, produção de texto, expressão oral – seminários.

4. Qual a sua formação e há quanto tempo você atua na área de Língua Portuguesa?

R.: (Sou) Tenho Magistério, Letras e Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Literaturas. Atuo nessa área desde 1987.

5. Quais os tipos de leituras que você incentiva seus alunos a fazer? Por quê?

R.: Todos os tipos de leituras possíveis servem como incentivo.

O mundo em que vivemos está repleto de textos em placas de rua, cartazes, revistas, contos, receitas, convites, gravuras, desenhos, pinturas, filmes, músicas, histórias, livros entre outros. Pois é necessário que o aluno dê continuidade à observação, à interpretação e interação do mundo que o rodeia. Essas são algumas estratégias de busca de sentido para compreender cada vez mais o mundo letrado.

6. Que leituras você costuma fazer para dar suporte ao seu trabalho?

R.: A minha preocupação é estar “atualizada”, portanto, procura ler diversos tipos de textos nos mais variados meios de comunicação como por exemplo; jornais, internet, revistas (diversos) e principalmente os apoios teóricos ou não nos meios especializados em educação.

A Pata da Gazela

Por José de Alencar

Enredo:

Conta sobre Horácio, Leopoldo, Laura e Amélia. Laura e Amélia são duas primas com pés exatamente opostos. Laura os têm disformes, Amélia os têm pequeninos. Quando passando em uma rua cai um pé de sapato de Amélia, Horácio o recolhe e se apaixona pela dona do pé de sapato a quem desconhece. Leopoldo se apaixona pelo sorriso de Amélia, cujo nome não conhece. Ao vê-la com a prima outra vez, ilude-se achando Amélia têm os pés disformes. Horácio, o leão da moda carioca, passa a galantear Amélia, que vai se apaixonando por ele enquanto Leopoldo, também apaixonado por Amélia torna-se seu amigo apesar de ter declarado amá-la, bela ou não;. Horácio propõe casamento e Amélia diz que vai pensar no assunto. Quando Horácio finalmente vê o pé de Amélia se horroriza (ela estava com um sapato de Laura) e arranja uma desculpa para romper o noivado que ela tinha aceitado. Ele então procura Laura, declara-se a ela e, quando descobre que ela tem os pés horríveis, afasta-se. Tenta procurar Amélia de novo, mas falha. Amélia então percebe o quão puro é o amor de Leopoldo e casa-se com ele. Na noite de núpcias ela revela ter os pés lindos que ele pensava ser de outra. Eficiente em mostrar a moda da época, com vestidos longuíssimos que escondiam os pés da moça, o livro é a tentativa de José de Alencar de mostrar como o amor deve ser, não pela plástica como o de Horácio, mas pela alma como o de Leopoldo. O autor também usa sempre expressões galicizadas (adaptações do francês), ao invés de usar palavras francesas, uso comum da época, nacionalizando assim a linguagem.

Análise Literária:

O foco narrativo ou ponto de vista é onisciente, ou seja, os fatos são representados por um narrador que conhece todos os fatos e pensamentos do personagem e exprime uma visão global.

Quanto a função que desempenham, esta é protagonista, o personagem central sobre a qual recai o interesse do narrativo.

O modo como está caracterizado o personagem "Horácio" é indivíduo, isto é ele possui características pessoais marcantes, que acentua a sua individualidade.

A evolução do personagem é plana ou estacionária, pois não muda no decorrer do livro.

O narrador é explícito ou direto, pois revela o personagem diretamente, por meio de descrições e comentários feitos pelo narrador.

O Guarani (Jose de Alencar)

Enredo

Este livro retrata o romance de uma jovem branca chamada Cecília com um índio chamado Peri.

Peri abandonou sua família para morar com Cecília, ele a tratava como sua senhora (ou como sua deusa). D. Antônio de Mariz, pai de Cecília, gostava muito de Peri porque ele defendia sua filha com unhas e dentes, já D. Lauriana, sua mãe, não gostava de Peri, por causa de sua raça, para ela, Cecília devia se apaixonar por um homem de sua mesma Classe Social

Izabel, prima de Cecília era apaixonada por Álvaro, embora ele não soubesse; enquanto isso, Álvaro era apaixonado por Cecília, que amava Peri e Peri amava Cecília, e também ele gostava das pessoas que dizia gostar de Cecília.

Peri, pelo amor de Cecília, era capaz de matar quem fizesse sua amada chorar, Peri vigiava Cecília dia e noite sem que ela o visse.

Por causa desse ciúme por Cecília, Peri tentou matar Loredano, um italiano que queria abusar de Cecília em sua própria casa.

O italiano ficou tão furioso que reuniu mais alguns homens e resolveram atacar todos da casa, principalmente Peri. Mas antes deles invadirem a casa, Peri já tinha descoberto a armadilha deles, e avisou para D. Antônio e para Álvaro. Peri e Álvaro foram atacar os adversários, só que Álvaro recebeu pelas suas costas um tiro, infelizmente Álvaro não suportou e morreu, ele deu o seu último suspiro nos braços de sua amada Izabel, que confessou que o amava e ele também demonstrou seu amor por ela.

D. Antônio sabia que a batalha estava perdida e que não adiantava mais lutar, então ele pediu para Peri levar Cecília para bem longe, e que ele, sua esposa e Izabel morreriam ali na sua casa com muito orgulho.

Peri recebeu a ordem de D. Antônio e fugiu com Cecília, já estava de madrugada quando eles partiram, no outro dia cedo Peri contou tudo o que havia se passado na noite anterior para Cecília, ela está se culpando pela morte de seus pais, mas Peri sempre

estava ao seu lado tentando consola-la e conseguiu ajudar ela a superar essa fase tão difícil.

Cecília teve coragem e confessou a Peri que amava ele, Peri fez o mesmo quanto a Cecília. Eles passaram a morar em, uma ilha deserta, se amando, e juraram que se arariam até o dia em que Deus permitisse.

Análise Literária

O ponto de vista da narrativa do livro *O Guarani*, caracteriza-se por uma visão dos acontecimentos de uma das personagens da história, exprime uma visão individual, ou seja, o ponto de vista é interno.

Seu principal personagem ou protagonista, chama-se Peri.

O indivíduo Peri, possui características pessoais marcantes, que acentuam a sua individualidade, entre as quais, destacam-se a característica do amor de Cecília, esse amor faz com que ele a proteja dos perigos da selva e dos homens. Por ela, Peri seria capaz de fazer de tudo para não vê-la chorando.

O desenvolvimento do personagem Peri apresenta-se como plana, ou seja, não muda durante a narrativa, Peri desde o início da trama se mostra apaixonado por Cecília, ele vivia por ela e para ela, Peri foi capaz de abandonar a sua família e a sua tribo para ficar próximo de sua amada.

As apresentações das personagens caracterizam-se por explícito, que tem como objetivo revelar-se claramente, por meio de descrições e comentários feitos pelo narrador.

José de Alencar, em seu livro, apresenta Peri como um Índio bem decidido, e que ele recuava em suas ações se quem lhe pedisse fosse a sua amada Cecília.

Observação: mantida a grafia original.